



Mais vinho e... **tinto**

A apresentação do Anuário do Instituto Nacional da Vinha e do Vinho (IVV) referente à campanha 2004/2005, vem revelar um aumento na produção de vinho em Portugal. O mais importante é, no entanto, a melhoria da matéria-prima, com a produção de uvas de categorias mais nobres a registar uma evolução. Esta realidade não é, contudo, transposta para o produto final, verificando-se um ligeiro decréscimo na produção de VQPRD e um aumento nos Vinhos de Mesa. Na cor do néctar, o domínio do tinto é cada vez maior, mas em termos qualitativos, regista-se uma aproximação evidente do branco.

Os números provisórios apresentados no anuário do IVV referentes à produção nacional – campanha de 2004/2005 – vêm confirmar uma pequena subida na produção nacional de vinho. Segundo dados provisórios do IVV, o presente ano poderá registar a segunda maior campanha deste século, com um aumento total de mais de 10 milhões de litros, ficando, contudo “alguns litros” abaixo da produção registada em 2001/2002 com 778 milhões de litros ou até mesmo da melhor campanha de sempre em “terroir” nacional em 1996, ano em que nos aproximámos dos mil milhões de litros. Assim, e caso as condições meteorológicas não sofram grandes alterações, a produção nacional de vinho poderá aproximar-se dos 750 milhões de litros, embora os últimos dados revelem que devido ao efeito da seca, a produção poderá rondar os 719 milhões de litros na vindima que se aproxima, ou seja, uma quebra de quatro por cento em relação à campanha do ano anterior.

De acordo com os dados provisórios publicados no anuário do IVV, irá registar-se uma ligeira redução na produção de vinho VQPRD (Vinhos de Qualidade Produzidos em Região Determinada), correspondendo a uma quebra de um milhão de litros em relação à campanha transacta. Na realidade, este valor não influenciará a quota do VQPRD na globalidade dos vinhos produzidos nas adegas nacionais, mantendo-se esta nos 31 por cento, correspondente a 228 milhões de litros.

No entanto, se juntarmos aos 228 milhões de litros de VQPRD's (que incluem os VEQPRD's - Vinho Espumante de Qualidade Produzido em Região Determinada - e os VFQPRD's - Vinho Frisante de Qualidade Produzido em Região Determinada) o cem milhões litros de VLQPRD's (Vinho Licoroso de Qualidade Produzido em Região Determinada) previstos, rapidamente nos apercebemos que o vinho está a melhorar em Portugal. Assim, os VQPRD's e VLQPRD's ultrapassarão o valor apresentado pelos Vinhos de Mesa – 262 milhões de litros, correspondentes a 35 por cento da produção nacional – apresentando os néctares de categoria superior uma quota de 44 por cento e cerca de 330 milhões de litros produzidos. Na realidade, os dados do IVV revelam-nos que na campanha de 2004/2005 se verificarão somente duas subidas em termos de quota em volume – VLQPRD e Vinhos de Mesa –, registando-se uma descida (Vinhos Regionais) e uma manutenção (VQPRD).

No caso dos Vinhos Regionais, a descida verificada nesta campanha virá, de certa forma, confirmar a irregularidade da produção, já que nas últimas quatro campanhas o volume tem sempre alternado entre a descida e a respectiva subida. De 2003/2004 para 2004/2005, a descida fica ligeiramente abaixo

dos dez milhões de litros, o suficiente, contudo, para baixar a quota do Vinho Regional em dois pontos percentuais, fixando-se actualmente nos 21 por cento, correspondente a 156 milhões de litros.

Já no caso dos Vinhos de Mesa e após uma descida de um por cento registada na campanha anterior, a produção desta categoria de vinho poderá voltar a ganhar o ponto percentual perdido, para se fixar novamente nos 35 por cento, o equivalente a 262 milhões de litros.

Equilíbrio regional

Com a produção de vinho prevista pelo anuário do IVV a registar um ligeiro aumento em Portugal, houve um certo equilíbrio entre as regiões. Após a quebra verificada na campanha de 2002/2003, apresentando o valor mais baixo do século XXI, o Minho manteve a sua tendência de crescimento, apresentando pelo segundo ano consecutivo um aumento na produção. De facto, a campanha de há dois anos pode ser classificada de desastrosa na região dos Vinhos Verdes, com a produção a registar uma perda de 61 milhões litros, passando de 144 milhões para pouco mais 83 mi-

lhões de litros. Este ano, as previsões do IVV apontam para uma produção muito perto dos cem milhões de litros, o equivalente a um aumento de mais de 14 milhões de litros.

Na região de Trás-os-Montes, com uma produção global perto dos 190 milhões de litros, o Douro manteve a alternância entre a subida e a descida iniciada em 2000, com os anos ímpares a registarem sempre reduções nas produções de vinho. Assim, a mais antiga região vitivinícola do mundo, registará um decréscimo de oito milhões de litros de vinho face à campanha anterior, fixando a produção de 2004/2005 em 164 milhões de litros. As restantes regiões vitivinícolas de Trás-os-Montes apresentarão uma ligeira subida na produção, passando de 21 milhões para 22 milhões litros, não sendo, contudo, suficiente para manter a globalidade da região em crescimento.

Baixando no mapa geográfico e vitivinícola nacional, também as Beiras poderão ver a sua produção vitivinícola baixar da campanha de 2003/2004 para 2004/2005, perdendo pouco menos de dois milhões de litros. Das regiões pertencentes às Beiras, só a Bairrada terá comportamento positivo, aumentando a sua produção em seis milhões de litros, enquanto o Dão baixará pela segunda vez neste século a fasquia dos 40 milhões de litros, apre-



O sector vitivinícola nacional tenta combinar tradição e modernidade

nesta categoria e cor de vinho que se poderão verificar as descidas, já que tanto os VQPRD, como os Regionais assinalarão decréscimos na produção, embora o Vinho Regional tinto registe um subida de cinco pontos percentuais ao nível da cor do néctar, precisamente o mesmo valor perdido pelos VQPRD's.

Por outro lado, a previsível subida da cor tinta nos Vinhos Regionais, e consequente descida nos VQPRD's, é compensada com situação inversa nos vinhos brancos. Este facto, poderá significar que os produtores nacionais estão apostados em voltar a produzir vinhos brancos de qualidade, depois de na campanha anterior se ter registado um decréscimo de seis pontos percentuais na produção de VQPRD branco, voltando este valor a ultrapassar os 40 por cento na actual campanha.

Menos, mas melhor vinha

A divulgação dos dados relativos à campanha de 2004/2005 por parte do Instituto da Vinha e do Vinho (IVV), revela-nos que a superfície vitícola nacional total registou um ligeiro decréscimo. De acordo com os dados do Ficheiro Vitivinícola do Continente em 1 de Setembro de 2002 (apresentados no anuário relativo à campanha de 2003/2004), a superfície vitícola era de 241.119 hectares. Este número não contemplava, contudo, os direitos de plantação por utilizar (13.521 ha) e os direitos mantidos na reserva (208 ha) que somados, totalizariam 254.848 hectares de vinha em território português.



EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO - POR CATEGORIA E COR

Categoria de vinho	2000/2001		2001/2002		2002/2003		2003/2004		2004/2005*	
	T/R %	B %	T/R %	B %	T/R %	B %	T/R %	B %	T/R %	B %
VQPRD**	57	43	58	42	55	45	61	39	56	44
VLQPRD	71	29	68	32	75	25	76	24	78	22
Vinho regional	66	34	64	36	67	33	67	33	72	28
Vinho de mesa	56	44	59	41	57	43	58	42	60	40
TOTAL	61	39	61	39	61	39	63	37	64	36

Fonte: IVV; * Dados Provisórios; ** Inclui Os VEQPRD E VFQPRD
Nota: T/R = Tinto/Rosado; B= Branco

res de área VQPRD e as Terras do Sado com uma redução de 681 hectares.

Do lado dos aumentos, e apesar de praticamente todas as regiões terem reduzido a sua área total, é de salientar o aumento de vinha VQPRD na Estremadura e no Ribatejo, tendo passado de 771 para 14.566 e 1.244 para 18.473 hectares, respectivamente. Além destas duas regiões, também Trás-os-Montes, com mais 11.503, Alentejo com mais 1.805 e Minho com um acréscimo de 1.022 hectares, contribuíram para o aumento da área de VQPRD, colocando a cifra bem perto dos 150 mil hectares.

Com o mercado mundial do vinho a viver dias de alguma recessão, com o consumo per capita a diminuir e a produção a aumentar, vislumbram-se dias difíceis para os operadores deste mercado, tanto a nível internacional, como principalmente, para os agentes nacionais. A entrada "em jogo" de novos players veio dificultar a vida aos que tinham, de certa forma, o mercado controlado (nomeadamente a França, Espanha e Itália), tornando a concorrência feroz e implacável.

Todos têm as suas baterias apontadas para mercados estratégicos – Reino Unido, Estados Unidos da América, Japão, Canadá e, mais recentemente, a China – levantando muitas vezes interrogações sobre a rentabilidade destes mercados. De facto, são tantos os produtores com intenções de colocar os

os consumidores a ficarem cansados deste tipo de néctares, pretendendo actualmente, vinhos mais elaborados e menos "criações de laboratório". Hoje, o "amante do vinho" espera ser surpreendido por novos "aromas" e "sabores" e poderá ser exactamente neste aspecto que Portugal poderá ter uma pala-

A diversidade das castas nacionais poderá ser a chave para a afirmação definitiva de Portugal no mercado internacional

seus néctares nestes países que muitas vezes nos questionamos se, na realidade, existe espaço para tanta gente e, mais concretamente, tanto vinho.

Nos últimos anos, tem-se verificado, por parte dos consumidores destes mercados, um gosto particular pelos vinhos provenientes do Novo Mundo, não por serem melhores, mas, no fundo, por serem diferentes. A tendência para os vinhos fáceis de beber está, contudo, numa fase descendente, com

vra a dizer, apostando, fundamentalmente, na qualidade e na diferença das suas castas, transmitindo ao "ávido" consumidor, o que de bom se faz em "Terras de Camões".

A afirmação da marca "Wines of Portugal" tem sido difícil, reconhece o sector. Mas com esta nova apetência para experimentação e diversificação de consumo a outras propostas, e concretamente outras castas, poderá estar aqui uma oportunidade para os néctares nacionais. ■ VJ

